

Embalagens para compartilhar arte

Eliane Maria Chaud

Artista plástica, professora desde 1996 na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da UFG onde é atual vice-diretora. Doutora em Cultura e Sociedade – Universidade Federal da Bahia – BA (2012). Mestre em Artes – Poéticas Contemporâneas pela Universidade de Brasília (2000). Graduada em Artes Plásticas e Decoração pela Universidade Federal de Uberlândia – MG (1990/1992). Doutora em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidade, Artes e Ciências, UFBA. Área de interesse: poéticas compartilhadas – arte e comunidade.
elianechaud@gmail.com

Resumo

Este artigo discorre sobre os processos de criação de trabalhos que utilizaram a embalagem enquanto possibilidade artística. Apresento uma contextualização destes procedimentos na cena da arte contemporânea observando que “embalagens” eram elementos importantes na apresentação de trabalhos de importantes artistas. Analiso cronologicamente o processo de cinco trabalhos desenvolvidos entre 1996 e 2009 questionando as intencionalidades dos trabalhos até compreendê-los enquanto objeto ou meio para compartilhar arte. Para contextualizar esses trabalhos e seus respectivos processos de criação, dialogo com autores tais como: Borriaud (2009) em relação a aspectos relacionais inseridos no âmbito da poética contemporânea, Salles (2004) e Rangel (2004) em questões sobre o processo de criação e as obras de Hélio Oiticica, que tinham como propósito aproximações da arte com o público. O exercício de revisão e análise de minha produção resultou na percepção de que a embalagem mais do que invólucro, teve a intenção do compartilhamento gerando conexões participativas entre o público e os “produtos artísticos” que eram levados para casa.

Palavras-chave: Processos de criação. Objetos. Embalagens. Compartilhamentos.

Packaging to share art

Abstract

This article discusses art creation process focusing upon artworks that used the package as possibility. I place this procedure on the contemporary art scene noting that "packages" were important elements in the presentation of many important artist. I review chronologically the process of five artworks from my own production created between 1996 and 2009. I question the intentions of the work to understand them

as object or means to share art. To contextualize these works and their respective processes of creation, I dialogue with authors such as: Borriaud (2009) about the relational aspects included in the scope of contemporary Poetics, Salles (2004) and Rangel (2004) on questions about the process of creation and the works of Hélio Oiticica, who had as purpose approximations of art with the public. The exercise of review and analysis of my production resulted in the perception that the packaging more than wrap, intended to generate participative connections between the public and the "artistic product" that could be taken to home.

Keywords: Creation process. Objects. Packaging. Sharing processes.

Introdução

Embalado aquilo que se faz importante para mim,
guardo, protejo, distribuo,
compartilho afetividades.

Este artigo é um exercício de revisão de percursos de meu processo de criação. Atualmente vemos propostas artísticas com diferentes possibilidades produtivas, participativas e modos de apresentação que geram "Compartilhamentos". Buscarei por meio de um elemento recorrente em meu trabalho, a embalagem, refletir essas questões, de como fui buscando modos e maneiras de aproximação com o público de disponibilizar para o outro a participação no trabalho.

Quando pensamos na ação de empacotar, ou embalar nas Artes Visuais, o que rapidamente/primeiramente nos vem à mente são as "obras embrulhos" de Christo e Jeanne Claude, dupla de artistas que iniciaram empacotando pequenos objetos até chegar em seus trabalhos mais conhecidos que são os empacotamentos de prédios e monumentos. Nessas obras, o "embrulhar" tem o sentido de esconder aquilo que é dado naquele ambiente (lugar) para chamar atenção das pessoas que ali circundam, buscam despertar a curiosidade de um elemento que se mostrava costumeiro, ordinário e mostrar de uma maneira diferenciada algo que faz parte do cotidiano daquele indivíduo. De certo modo os trabalhos revelam os monumentos pelo ocultamento, ou seja, algo é embrulhado, escondido e dá-se conta de sua presença, a imagem surgindo da ausência (DIDI-HUBERMAN,1998).

Embalagens são envoltórios ou receptáculos utilizados para acondicionar produtos. Embrulhar, envolver, enrolar em papel com o objetivo de acondicionar mercadorias ou objetos em pacotes, fardos ou caixas, são ações que procuram proteger um produto. Quando queremos presentear alguém, nos atentamos para a embalagem, para o modo que será apresentado, um cuidado em relação ao objeto que será ofertado, compartilhado com uma outra pessoa.

Revisitando minha produção entre 1996 e 2009, observei que “embalagens” eram elementos importantes na apresentação de alguns trabalhos, entre eles, *Fragrâncias* (1996), *Que seja o que você quiser* (2001), *Espero não te perder* (2004), *Faça você mesmo* (2008) e *Te convido para um café* (2009), o que me despertou a curiosidade de compreender as questões que poderiam estar envolvidas nesse ato de embalar, qual poderia ser a intencionalidade desse conter elementos e materiais em embalagens? Diferentemente das proposições artísticas realizadas por Christo e Jeanne Claude, as proposições que desenvolvi embrulhando ou embalando foram bem mais intimistas, onde “colocar” elementos em recipientes, embalagens, eram necessários para a distribuição do produto artístico. Esclareço também que a maioria destes trabalhos tiveram como proposta a produção em série a ser distribuída ao público.

Para contextualizar esses trabalhos e a compreensão do processo de criação durante este período, contribuíram para as reflexões aqui apresentadas autores como: Borriaud (2009) em relação a aspectos relacionais inseridos no âmbito da poética contemporânea, Salles (2004) e Rangel (2004) em questões sobre o processo de criação, as referências imagéticas dialoga com a exposição visitada em 1996 de artistas brasileiros no MAM - SP e as obras de Hélio Oiticica, que tinham como propósito aproximações da arte com o público.

1 Influências, acessibilidades e referências- tangências

Inicialmente creio que a embalagem foi um elemento que eu poderia utilizar para compor por meio de *serialidades*. Percebo que tive muita influência desta forma de construção-composição e apresentação pelo que vi em exposições nacionais, entre elas a exposição “15 artistas brasileiros. Colocando dobradiças na arte Contemporânea” (MAM - SP, 1996). Entre as obras apresentadas, me chamaram a atenção: “More than these”

(1996) de Ana Maria Maiolino, uma instalação composta de várias “bolas” de argila modeladas, gestos de suas mãos. Outros trabalhos que estiveram presentes nesta exposição, e que também, de certo modo, estavam relacionados a repetição de elementos foram os trabalhos de Jac Leiner “Os Cem-Roda” (1986), Edith Derdik, “Linha Contínua”, Efrain de Almeida “Chagas”, ambos elaborados em 1996. Nessa época, década de 90, apresentar a repetição do mesmo elemento (forma), ou elementos bem próximos para compor era algo que podíamos perceber como predominante na obra de muitos artistas brasileiros, provavelmente influências/remanescências minimalistas.

Na compreensão sobre o gesto de repetição neste trabalho podemos também estabelecer diálogos com as obras de alguns minimalistas ou àqueles artistas, que como Richard Serra, usou a repetição como forma de compor. Um exemplo é “Peça Moldada” (1969), trabalho em que Serra usou da repetição da ação de arremessar o chumbo derretido entre o piso e a parede para depois organizar em sequência, no centro da sala, as tiras de chumbo endurecidas. Donald Judd, (2016) de certa maneira também tratou sobre a forma de organização, da ordem que é como a continuidade, de uma coisa depois da outra, de estruturas que se repetem. Porém para este artista e para Frank Stella, Carl Andre, Sol Le Witt, havia também a questão de objetos produzidos com forma e tamanhos idênticos, uma resistência ao aspecto de manipulação das formas. Tratar dessas questões minimalistas aqui somente nos interessa devido a importância da repetição dos elementos nas construções e composições, de pensar em serialidades, as quais também estiveram presente nos trabalhos que aqui apresentarei. Falarei especificamente sobre cada trabalho e procurarei pontuar algumas questões que foram importantes na produção artística para chegar na compreensão de um processo de criação.

2 Os trabalhos embalados

Fragrâncias (1996) foi um trabalho construído em pequenos formatos, feitos em telas metálicas, medindo aproximadamente entre 4 a 8 cm e que foram dispostos em prateleiras de madeira. Surgiu a partir de interesses que me apresentavam relacionados a trama e a percepção do lugar. Naquela época, existia uma galeria nas dependências da reitoria da Universidade Federal de Goiás, chamada Galeria Dona Lica, espaço em que professores apresentavam sua produção. Havia chegado à Goiânia a pouco tempo e

coloquei-me a pergunta o que poderia apresentar? Fui vivenciando a galeria e a cidade de Goiânia, observando o que era diferente para mim. Andando pelas ruas da cidade, me chamavam a atenção os cheiros das ervas e frutas locais. Então pensei por que não fazer daquela Galeria, que era um espaço bem pequeno em formato de um corredor, um espaço de cheiros? Naquele momento meu trabalho artístico era uma proposta com tramas, assim utilizei de telas metálicas para fazer os recipientes para conter os materiais que encontrei em barracas do Mercado Municipal e nas ruas de Goiânia, entre eles cera e ervas medicinais. Foram dispostas 2 prateleiras com esses pequenos formatos/embalagens, a altura de 1,60 para que o espectador pudesse além da percepção visual despertar o olfato, perceber os cheiros que ali continham buscando analogias, outras percepções.



Figuras 1 - Eliane Chaud, *Fragrâncias* (1996). Objetos de ervas aromáticas envoltos por tela metálica (4 a 8 cm) dispostos em prateleira madeira (aprox. 140 cm). Acervo da autora.

Acredito que o meu interesse em embalar materiais iniciou com o intuito de gerar proximidades com o espectador, na maneira também em que se apresentavam como produtos à venda em uma prateleira, como talvez um mostruário dos aromas das matérias ali dispostas dentro dos invólucros.

Outro trabalho, *Que seja o que você quiser* (2001) são por mim considerados desenhos, são linhas de costura colocadas dentro de saches, os quais são dispostos em um suporte que remetem a objetos comercializáveis, um fragmento da estrutura da gôndola de supermercado, etc. Uma linha que se faz desenho, um fio, que não é elemento único, mas que se utiliza de um entrelaçamento para existir, podemos pensar em uma trama de fios que criam histórias, lugares, coisas. São desenhos embalados, que a partir de seus diferentes formatos procuram por possibilidades imaginárias de um espectador que ali passasse e despertasse o seu interesse. Vejo que existia um desejo de aproximação com o outro, porém de maneira muito tímida, algo que não estava muito claro e objetivo dentro das minhas proposições.

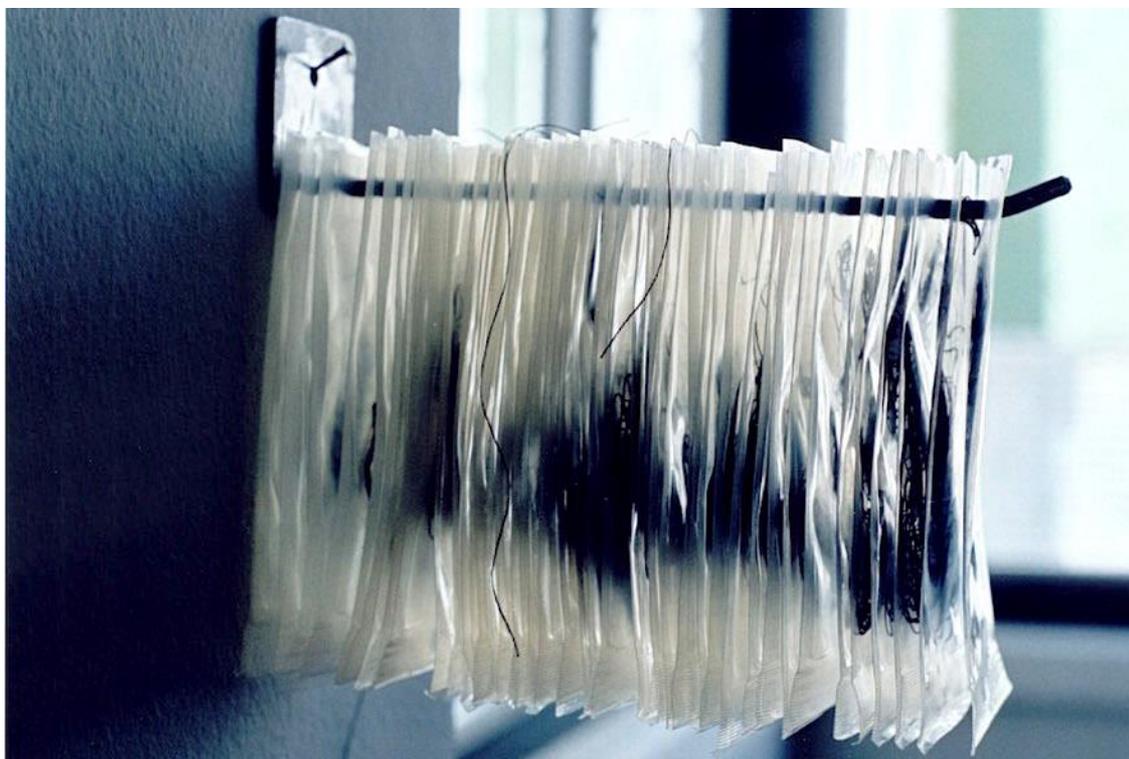


Figura 2 - Eliane Chaud, *Que seja o que você quiser* (2001). Sachês de plástico com linha de costura e suporte de metal. Dimensão: 12 x 6 x 17 cm. Acervo da autora.

Espero não te perder (2004) já foi um trabalho que participou de um edital que teve como proposição aos artistas pensarem o meio ambiente e em questões relativas geração de energia. Na proposta a água foi percebida enquanto elemento primordial da vida, e se propôs valorizar uma pequena quantidade e mostrar sua significância, levando o participante a refletir sobre suas vivências em relação ao meio ambiente. Composto de

tubos de ensaio contidos de água e adesivados com as frases “Espero não te perder” e “Cuide, ela luz gera”. Foram colocados em um suporte de acrílico e os tubos entregues aos participantes de exposição. Aqui podemos notar a preocupação de uma arte com intuito social, de chegar até o outro, “[...] a arte se desenvolve em função de noções interativas, conviviais e relacionais.” (BORRIAUD, p.11)



Figura 3 - Eliane Chaud. *Espero não te perder* (2004), Tubos de ensaio, água, acrílico. Dimensão: 8x25x25 cm. Acervo da autora.

Em 2008 desenvolvi *Faça você mesmo* (trabalho inédito), composto de pequenos moldes de costura retirados de revistas de moda, em dimensões reduzidas. Tenho boa parte da minha produção relacionada à costura, às memórias, percepções e vivências de uma prática cotidiana. O propósito era um “faça você mesmo”, que o participante construísse a sua peça, a dimensão do objeto final seria de acordo com o seu desejo, pois ali não havia número de manequins e medidas. Os moldes reduzidos em papel vegetal foram colocados em embalagem plástica e dispostos em uma pequena gôndola. Cada embalagem foi carimbada com as instruções do modo de fazer: 1- amplie no tamanho desejado, 2-transfira para o tecido, 3-recorte, 4-costure unindo as partes.

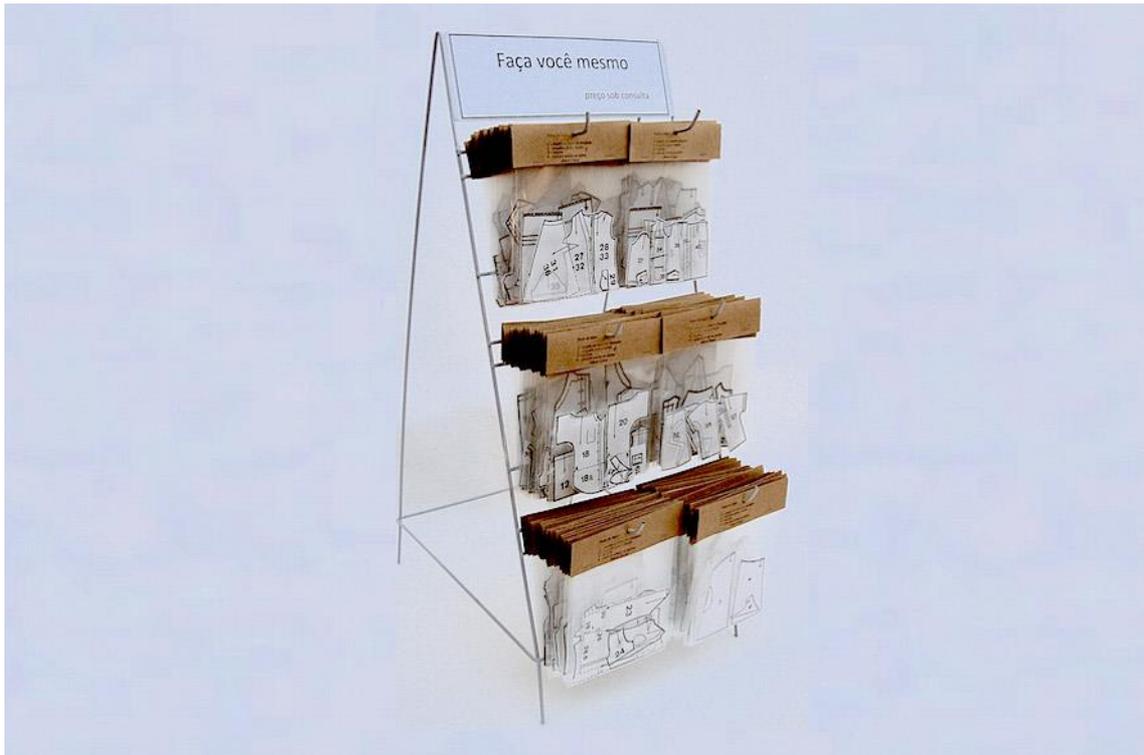


Figura 4 - Eliane Chaud, *Faça você mesmo* (2008). Pequenos moldes impressos e recortados em papel vegetal, embalagem plástica e suporte metálico. Dimensão: 30 x 38 x 73 cm. Acervo da autora.

Pode-se notar nestes últimos trabalhos a preocupação com a exposição do produto como se estivesse colocado à venda como um objeto de consumo, a apresentação em display para mostrá-los como algo que é próximo ao consumidor, ao marketing, no entanto a intencionalidade era totalmente contraditória a um objeto mercadológico, os elementos mostrados não estavam à venda, apenas eram disponibilizados aos participantes.

Em 2009, desenvolvi *Te convido para um café* (2009) para o projeto artístico “*Moradas do íntimo*”, organizado por Ge Orthof¹ e Karina Dias², que tinha como proposta inicial convidar (por meio de anúncio de jornal) pessoas a abrirem suas casas para receberem o projeto e abrigar o trabalho de artistas na cidade de Brasília. Naquele momento, como não tinha disponibilidade para conhecer a casa da pessoa que me abrigaria, resolvi fazer uma proposta que não fosse específica a um determinado lugar, mas que fosse algo

¹ Ge Orthof – Artista e professor do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes -IdA – da UNB.

² Karina Dias - Artista e professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes -IdA – da UNB.

comum a nossa cultura brasileira. Assim, resolvi em acolher as pessoas no dia que visitassem àquele lugar, àquela casa e pensei no café como elemento que acolhe, que chama o outro para uma conversa, a se aproximar. Tomar um café, é uma ação que podemos considerar rotineira, um hábito que para muitos de nós brasileiros faz parte da vida cotidiana, de nossa cultura. Conversando com o proprietário que disponibilizou sua casa, tive uma recepção positiva por parte dele quanto a ideia de oferecer o café aos participantes, houve uma reciprocidade para com este ato de acolhimento.



Figura 5 - Eliane Chaud, *Te convido para um café* (2009). Proposição artística - Projeto "Moradas do íntimo". Acervo da autora.

Te convido para um café teve como proposição gerar relações de compartilhamento. Na residência de Emivaldo, pequenas embalagens com café solúvel e açúcar foram distribuídas aos participantes, os quais foram convidados a tomar o café. Depois, a ação continuou com a distribuição destes na galeria. A prática cotidiana passa a chamar o outro a aproximação, vira um convite ao visitante, nesse caso indicado para compartilhar íntimos. A embalagem de papel trazia as seguintes informações carimbadas: na frente o desenho de uma xícara de café e atrás os ingredientes, café e açúcar, indicado para compartilhar íntimos. Na época, já pensava em compartilhamentos, momento em que

iniciava meu projeto de doutoramento, o qual tinha como princípio propor a construção de uma poética coletiva relacionada aos processos de costura, mediada por mim e envolvendo outros participantes da pesquisa. Ocorre, assim, uma transferência da ação, um modo de compartilhar: eu (artista) + o dono da casa + o outro (visitante/participante).

Considerações finais

Quando iniciei a feitura deste texto considerava que as questões minimalistas e os trabalhos da exposição no MAM seriam preponderantes para a compreensão do processo artístico, de certa maneira contribuíram, porém no desenrolar do texto percebi uma outra dimensão que estes trabalhos trataram e que é a busca constante no meu trabalho de criação do compartilhamento.

O ato de conter, de guardar em recipientes para apresentar ao público surgiu em *Fragrâncias*, nesse trabalho, como vimos, as embalagens não eram convencionais como as utilizadas posteriormente nos demais trabalhos. Primeiramente tive como intuito construir receptáculos para organizar a apresentação, a embalagem era pensada apenas como elemento estético, elemento compositivo, aos poucos é que fui utilizando outros tipos de embalagem, embalagens convencionais, de mercado. Utilizei-me de sachês, meu irmão na época trabalhava com este material, sachês estavam presente no meu cotidiano e à disposição para serem utilizados naquele momento para as minhas proposições. Observo que não era apenas a questão estética que me interessava, a ação de distribuir também era algo que me importava, já tinha o propósito de compartilhamento, porém não de maneira explícita, gradativamente é que fui compreendendo qual era o princípio maior dos meus trabalhos. Aos poucos comecei a pensar a embalagem como meio operador para o compartilhamento. Para Rangel:

A imagem como operador metodológico [...] cartografia de imagens, com seus temas subjacentes, revelados e elaborados no processo de pesquisa, tem sido referência para uma produção artística em técnicas, meios e formas variadas a partir das IMAGENS mais recorrentes, o que transforma a IMAGEM no seu meso-cosmo, um operador dominante que medeia todo o percurso (RANGEL, 2009, p.125).

Podemos perceber a embalagem contribuindo para a condução do processo criativo que gerou diferentes possibilidades artísticas. Por eu não ter ateliê e desenvolver

meus projetos artísticos sempre dentro de espaços pequenos, acredito que escolher a embalagem como elemento na elaboração destes trabalhos foi encontrar métodos, ou seja, “operações lógicas para a criação como processo de conhecimento e percurso de experimentação, criação realiza-se na tensão entre limite e liberdade” (SALLES, 2004, p.64).

Em 2003, me despertava o desejo de disponibilizar ao outro o trabalho artístico que eu desenvolvesse, fiz livros de artistas a partir de imagens do universo da costura, os quais foram entregues aos participantes, apresentando mais claramente o meu interesse pela arte que tivesse esse intuito de continuidade para além das paredes do museu ou instituição, pensava “indiretamente” em questões sociais, de arte para todos. Recorro às proposições artísticas de Hélio Oiticica para pensar aproximações da arte com o público, que tinham a intencionalidade de romper o distanciamento entre a obra de arte e o povo.

Neste momento de finalização deste artigo me recordei de algo que me interessou nos anos 90, um texto com um tom sarcástico ao mercado de arte de Nelson Leirner (1980): “*Arte comercial pura: contra o mercado e o fetiche da obra única*”, nele o artista divulgava a fórmula, sobre o produto, a dimensão, tabela de preços, estética, o marchand e a crítica, o artista. Creio que este ensaio de Leirner e também alguns de seus trabalhos contribuíram e dialoga com o que aqui apresentei, uma desmistificação do objeto artístico, em também procurar a participação do público, dizendo: Faça você mesmo.

As embalagens tiveram a intencionalidade de aproximação, de compartilhamento das propostas artísticas, “criações ou explorações de esquemas relacionais, essas obras constituem microterritórios relacionais intermediados por superfícies-objetos(...) objetos produtores de socialidade” (BORRIAUD, 2009, p.46) A embalagem como meio, ou seja, objeto para compartilhar, com intencionalidade de circulação e distribuição dos trabalhos geraram conexões participativas, quando disponibilizados os “produtos artísticos” para que o público pudesse levar a arte para casa.

Marcos Vilela Pereira em um texto sobre escrita acadêmica discute para quem escrevemos e fala de sujeitos possíveis. E alerta: "Não podemos desconsiderar que, ao escrever, também escrevemos para nós mesmos". Segundo o autor

No nosso cotidiano, levamos a efeito, às vezes, enormes batalhas conceituais que necessitam ser colocadas em palavras para tomar corpo e se constituir em saberes em condições de novamente entrar na arena do interminável debate das ideias. Nesse sentido, escrevemos para nós mesmos, escrevemos para dar passagem a ideias e movimentos que, ao serem escritas, vão nos constituindo academicamente. (2013, p. 214).

Acredito que a escrita desse texto teve esse papel. Dando passagens a ideias percebi que por muito tempo tive o princípio de minha produção artística o compartilhar. Foi interessante analisá-la depois de alguns anos e compreender que arte “é um tal fazer, que enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer... Nela concebe-se executando, projeta-se fazendo, encontra-se a regra operando...” (PAREYSON, p.26)

Referências

- BATCHELOR, David. **Minimalismo**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins, 2009.
- CHAUD, Eliane M. **A poética e o cotidiano: a costura em Cruz das Almas- BA**. Tese. Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidade, Artes e Ciências, UFBA, Salvador, 2012.
- CHIARELLI, Tadeu (Curadoria). **15 artistas brasileiros** (Catálogo exposição). São Paulo: MAM, 1996.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- JUDD, Donald. Complete Writings 1959–1975: Gallery Reviews, Book Reviews, Articles, Letters to the Editor, Reports, Statements, Complaints Paperback – March 22, 2016
- KRAUSS, Rosalind. **Caminhos da Escultura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LEIRNER, Nelson. **Arte comercial pura: contra o mercado e o fetiche da obra única**. Disponível em: <
http://www.nelsonleirner.com.br/portu/depo2.asp?flg_Lingua=1&cod_Depoimento=54>. Acesso em: 22 de mai.2015.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PEREIRA, M. Villela. A escrita acadêmica: do excessivo ao razoável. **Rev. Bras. De Educ.** V.18 n.52 – jan-mar.2013
- RANGEL, Sonia L. **Olho desarmado: objeto poético e trajeto criativo**. Salvador: Solisluna Design Editora, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.

Submissão: Fev. 2018

Aprovado: Jun. 2018